

PODER / Em entrevista, presidente confessa que sequela da queda que sofreu em outubro, no banheiro do Palácio da Alvorada, era pior do que o calculado inicialmente. E que chegou a esse ponto por não ter seguido as recomendações médicas

Lula correu risco de morte

» MAYARA SOUTO
» VANILSON OLIVEIRA

Paulo Pinto/Agência Brasil

Em entrevista ontem à noite ao programa *Fantástico*, da Rede Globo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva admitiu que a sequela do tombo sofrido em outubro foi mais grave do que ele mesmo imaginava, e que correu risco de morte. O médico Roberto Kalil Filho, que o acompanha e o atendeu no Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, confirmou a condição.

“Foi uma situação grave. Foi extremamente grave, requeria atendimento de emergência. Corria o risco de acontecer o pior”, assegurou Kalil.

Lula afirmou que foi levado às pressas para a internação depois que os exames que realizou, inicialmente, em Brasília, revelaram um quadro mais grave do que se calculava inicialmente. “Quando saí [dos exames], os médicos estavam assustados. Me ligaram de São Paulo, disseram que tinha que ir urgente para lá. Fiquei preocupado, porque a cabeça é a parte mais delicada [do corpo]. Achei que estava fora de perigo, porque a última ressonância que fiz mostrava que estava diminuindo a quantidade de líquido. Mas era engano meu”, admitiu.

O presidente ficou seis dias internado. Mas, antes, de dar entrada no Sírio-Libanês, a preocupação era não deixá-lo dormir durante a viagem, como relatou a primeira-dama Janja na mesma entrevista — e foi confirmado por Lula. “Estava com sono. O pessoal não quis vir no avião menor porque não tinha lugar mais confortável para deitar, e no presidencial tem”, explicou.

Lula admitiu que não se cuidou como deveria, depois do tombo no banheiro do Palácio da Alvorada. Frisou que, apesar das recomendações médicas, tornou



Quando saí [dos exames], os médicos estavam assustados. Fiquei preocupado. A última ressonância que fiz mostrava que estava diminuindo a quantidade de líquido. Era engano meu”

Presidente Lula, explicando os momentos de tensão

a fazer exercícios físicos com a mesma carga de antes do acidente, além de manter a agenda normal de trabalho.

“Voltei a fazer esteira, ginástica, musculação. Fui para o Uruguai, participei do acordo do Mercosul com a União Europeia. Voltei e, na segunda-feira, comecei a sentir sinais estranhos. Domingo já estava com dor de cabeça. Achei que era por causa do sol e não levei a sério. Na segunda, comecei a sentir movimentos esquisitos nas pernas, uma certa lentidão. Estava com [o presidente do Senado, Rodrigo] Pacheco e [o presidente da Câmara, Arthur] Lira e mandei chamar a doutora Ana [Helena Germoglio, que o atende]”.

Segundo o presidente, depois de chegar ao hospital, “me levaram para UTI. Fui para sala de cirurgia,

me deram sedativo e não vi mais nada. Fui acordar só no outro dia, com a cabeça empacotada”.

Lula explicou como foi o acidente de outubro, que causou a hemorragia. Já ali percebeu que os efeitos do tombo foram intensos. “Estava sozinho, a Janja estava na cozinha do Palácio [da Alvorada]. Caí sozinho. Durante alguns segundos, tive problema de mexer as mãos e as pernas. Consegui virar, peguei na maçaneta da porta e consegui levantar”, disse, afirmando que ficara aliviado por ter se recuperado imediatamente depois da queda.

“Protegido”

Indagado como se sentia após a cirurgia e da tensão por descobrir que a situação era mais grave do que imaginara, Lula afirmou: “Me

sinto um cara protegido por Deus. Um cara que nasceu onde eu nasci, e não morreu de fome, é um cara protegido por Deus”.

Na entrevista, o presidente falou ainda sobre o mau-humor do mercado financeiro por causa da reforma fiscal e do pacote de corte de gastos. O presidente foi enfático que ninguém mais do que ele é responsável com as contas públicas, pois o efeito do descontrole recai sobre as camadas mais modestas da população.

“Não queremos fazer uma reforma para aumentar tributos neste país. Se o Brasil arrecadar corretamente os tributos já estabelecidos por lei, teremos arrecadação suficiente para cuidar das coisas. Não precisa aumentar tributo. E essa discussão ainda continua no Congresso”, frisou.

Lula fica em São Paulo até quinta-feira, quando realizará uma tomografia para avaliar a cicatrização, antes de ser liberado para voltar a Brasília. Embora autorizado a retomar gradualmente as atividades, os médicos recomendaram repouso, evitar esforços físicos e adiar viagens internacionais. Caminhadas também estão suspensas, mas o presidente poderá “passar” e conduzir reuniões moderadas.

Mais cedo, na coletiva logo depois da alta, disse em tom otimista. “Estou tranquilo, me sinto bem e curado. Só preciso ser disciplinado, como os médicos recomendaram. Reivindico o direito de viver até os 120 anos. Quero deixar a Presidência de cabeça erguida e com a consciência de que o Brasil estará muito melhor”, afirmou.

Punição severa, mas com devido processo

Para o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o general da reserva Walter Braga Netto tem todo direito de ser submetido ao devido processo legal e, se for o caso, ser severamente punido. O militar foi preso no sábado, pela Polícia Federal (PF), por tentar interferir nas investigações sobre o plano para um golpe de Estado que manteria o ex-presidente Jair Bolsonaro no poder.

Lula voltou a ser indagado, na entrevista ao *Fantástico*, sobre a detenção do general, integrante de um grupo extremista que pretendia, até mesmo, assassinar o presidente para levar adiante a ruptura institucional. “Saber que pessoas que passaram a vida inteira recebendo dinheiro da União, para cuidar da soberania nacional, estavam tramando um golpe neste país, é muito triste.

Muito triste para quem passou a lutar pelas liberdades democráticas ainda muito jovem, que foi para a rua pedir pelas Diretas Já e pelas greves. Pessoas que chegaram ao cargo de general de quatro estrelas montaram uma máquina de fazer maldades e dar um golpe neste país. É muito grave o que eles fizeram”, disse.

Mais cedo, na entrevista que concedeu logo após a alta médica, Lula foi enfático: “O que aconteceu com a prisão do general Braga Netto demonstra que a lei precisa ser cumprida. Acredito que ele tem direito à presunção de inocência, o que eu mesmo não tive”.

O presidente ressaltou a gravidade dos fatos investigados pela PF. “Neste país, teve gente que fez 10% do que eles fizeram e morreu na cadeia. Não é possível aceitar

o desrespeito à democracia, à Constituição e à governabilidade. O Brasil é um país generoso, e não dá para admitir militares de alta graduação tramando a morte de um presidente da República, do vice-presidente e de um juiz da suprema Corte eleitoral”, afirmou.

Além de tentar interferir na apuração do golpe de Estado para impedir a posse de Lula, do vice-presidente Geraldo Alckmin e prender o ministro Alexandre de Moraes, então presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) — os golpistas trabalhavam com a hipótese de matá-los —, Braga Netto é apontado pela PF como o coordenador da manobra de ruptura institucional, inclusive fornecendo o dinheiro para a logística que levaria a trama adiante. (VO)

Marcos Correa/PR



General foi preso por envolvimento com tentativa de golpe de Estado

Preocupação em comunicar

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez questão de aparecer na coletiva, ontem, para mandar um recado claro: está bem e pronto para outra — mas sem exageros. Com a iminente saída de Paulo Pimenta da Secretaria de Comunicação da Presidência, a ideia foi deixar evidente que a interação com a população deve ser feita de maneira ágil e permanente.

“Faço questão de explicar de viva-voz. Não estava cortando a unha do pé, estava cortando a unha da mão. Não estava em pé, estava sentado. Tinha cortado minha unha, lixado, e quando fui guardar o estojo, ao invés de levantar e abrir a gaveta, tentei [me] afastar do banco. Caí e bati minha cabeça na hidromassagem e fez um estrago razoável”, detalhou Lula, sobre a queda que sofreu no banheiro do Palácio da Alvorada, em 19 de outubro.

As informações sobre a saúde do presidente tiveram respostas lentas ao que estava acontecendo — o que deu espaço às fake news sobre “clones” e “sósias” de Lula. Daí por que foi contar, pessoalmente, o que ocorrera.

“Faltaram alguns protocolos. Se o governo não divulga com clareza o que acontece, dá margem a boatos”, analisou Fred Perillo, consultor político e estrategista de comunicação.

Com Lula ainda na unidade de terapia intensiva (UTI), iniciou-se uma pressão para que a comunicação do governo fosse mais transparente com a saúde. Na quarta-feira, para desfazer boatos, o médico Roberto Kalil Filho confirmou à imprensa que o presidente faria um procedimento, no dia seguinte, para estancar um sangramento craniano. E deixou claro que só falou por orientação de Lula, pois o plano era, inicialmente, comunicar a intervenção médica apenas depois que ocorresse.

Em 6 de dezembro, Lula reconheceu graves problemas na comunicação do governo, em discurso no seminário do PT. “Há um erro no governo na questão da comunicação e sou obrigado a fazer as correções necessárias”, cobrou, deixando nítido o descontentamento.

O ministro da Secretaria de Comunicação, porém, não deve ser trocado em breve. Pimenta tem uma relação de amizade com Lula e, antes que seja dispensado, o presidente vai alocá-lo em outro posto. Isso será feito na reforma ministerial, que deve sair logo depois das eleições para as presidências de Câmara e Senado. Um dos mais cotados para assumir a comunicação do governo é o marqueteiro Sidônio Pereira. (MS)



ROBERTO BRANT

OS GOVERNOS QUE SONHAM EM SE LIVRAR DAS PRESSÕES DO MERCADO, PRECISAM, ANTES, SE LIVRAR DO FINANCIAMENTO PRIVADO DA SUA DÍVIDA, OU, PELO MENOS, MANTER A DÍVIDA EM UM PATAMAR BASTANTE MODERADO

(cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

O mercado e a política

Nos últimos três anos, o Brasil tem recuperado as boas taxas de crescimento que já conheceu no passado. Como consequência disso, o desemprego tem se mantido em níveis historicamente baixos e a pobreza tem diminuído. Como dizem os americanos: até agora, tudo bem.

Mas, para destoar desta conjuntura tão positiva, raramente o clima nos mercados financeiros esteve tão sombrio. Ultimamente, as expectativas do mercado financeiro em relação às variáveis mais relevantes da economia têm se mostrado muito erradas. Em artigo recente, o ex-diretor do Banco Central, Luiz Eduardo de Assis, nos lembrou

que, no início do ano, o Boletim Focus — que reúne as previsões de 140 instituições financeiras — previa que o PIB crescerá, em 2024, 1,5%, quando, na realidade, já sabemos que a economia crescerá mais do que o dobro disso, 3,4%.

O Focus, em uma chave mais otimista, previa que o dólar fecharia o ano em R\$ 5, mas vai fechar acima de R\$ 6 e a taxa Selic, ao final do ano, seria de 9%, quando sabemos que encerrará o ano em 12,25%. Os mercados também eram por otimismo.

Os humores dos mercados financeiros sempre influenciaram o clima na economia e condicionaram a ação dos governos. Governos

que dependem de dívida pública para funcionar, como é o caso de todos os Estados modernos, têm que ouvir não apenas a opinião dos cidadãos, mas, também, a opinião dos seus credores, aqueles que compram e vendem os seus títulos de dívida. Os governos que sonham em se livrar das pressões do mercado, precisam, antes, se livrar do financiamento privado da sua dívida, ou, pelo menos, manter a dívida em um patamar bastante moderado.

Governos que gastam sistematicamente mais do que arrecadam de impostos, acabam prestando contas mais aos mercados do que aos eleitores. Caso se recusem a

isso, em uma atitude voluntariosa e rebelde, acabam pagando o preço da desorganização da economia, com altas nos juros e na inflação, o que termina em desestabilização política.

Governos populistas, além de sempre voluntariosos e pouco versados nas questões econômicas, têm uma forte tendência para exceder-se nos gastos públicos. Esses excessos transformam-se em déficits orçamentários, que se convertem em aumento da dívida pública. A partir de um certo limite, os mercados começam a punir esses excessos, exigindo juros mais altos para continuar financiando a dívida. Nesse momento, os governos começam a protestar contra os mercados, atribuindo a eles a culpa por seus problemas.

Se os governos recuam a aderem

a alguma forma de contenção fiscal, poupando para impedir a dívida de sair do controle, estabelece-se um certo equilíbrio. Mas, se o governo teimar em cortejar seus eleitores e seguir gastando, não há como fugir do desastre. Os juros disparam ou os investidores fogem dos títulos do governo, forçando sua monetização e a explosão da inflação. Não há caminho alternativo.

Como disse há pouco, os mercados erram muito, mas, certos ou errados, têm um poder muito grande sobre a política econômica do governo e nem os governos autoritários conseguem impor completamente sua vontade em matéria financeira. No caso presente do Brasil, a intuição dos mercados tem muita proecência, pois o atual surto de crescimento em grande parte tem sua origem no excesso de gasto público.

Esse excesso irrigou o consumo das famílias e deu alento à atividade econômica, mas tem custado um grande aumento da dívida pública em um ritmo que não é sustentável. Em dezembro de 2022, a relação da dívida/PIB era de 71,8% e o Instituto Fiscal Independente, do Senado, estima que vai chegar a 80% no final de 2024, rumando para algo em torno de 85% no final de 2026. Nas condições atuais, uma elevação de mais de 12 pontos percentuais no mandato do presidente Lula.

É uma trajetória que, não revertida, nos encaminhará para uma espécie de colapso. Se o governo seguir ignorando a realidade econômica e continuar apenas de olho nas próximas eleições e na manutenção do poder, não haverá como errar nas previsões: estaremos perdidos.